

Floresta protetora: um espaço de produção de identidades culturais e relações com o meio ambiente

Floresta Protetora: a space for the production of cultural identities and relations with the environment

Isabela Backx*

Resumo: Este artigo tem o objetivo de desenvolver uma análise do discurso comunicado pela exposição “Floresta Protetora”, localizada no centro de visitantes Paineiras do Parque Nacional da Tijuca. Por meio do estudo dos diversos elementos expositivos e da articulação entre eles, almeja-se apontar como se dá a comunicação das referências patrimoniais dentro de uma exposição que aborda a história da relação entre seres humanos e natureza, almejando compreender como a comunicação desse patrimônio sensibiliza os visitantes na construção de suas identidades e visões de mundo.

Palavras-chave: Floresta Protetora. Parque Nacional da Tijuca. Natureza. Identidades. Discurso.

Abstract: This article aims to develop an analysis of the discourse communicated by the exhibition “Floresta Protetora”, located in the Paineiras visitor center of the Tijuca National Park. Through the study of the various exhibition elements and the articulation between them, we aim to point out how the communication of heritage references takes place within an exhibition that addresses the history of the relationship between human beings and nature, aiming to understand how the communication of this heritage sensitizes visitors in the construction of their identities and worldviews.

Key-words: Floresta Protetora. Tijuca National Park. Nature. Identities. Discourse.

Introdução

A partir da segunda metade do século XX as preocupações com a contaminação do meio ambiente e o seu impacto na saúde dos seres vivos atingiram em cheio as sociedades ocidentais. Durante a década de 1960, no contexto dos movimentos contraculturais e antinucleares, pequenos grupos até então esparsos que defendiam a conservação da natureza e se batiam contra sua intensa exploração começaram a agrupar-se, dando forma a movimentos ambientalistas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental.

Nesses países, o movimento ambientalista surgiu com um forte apelo pela preservação da natureza e logo voltou-se para a esfera política. Na Inglaterra e na

* Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia / PPGmus/USP, no âmbito do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS). E-mail: isabela_backx@yahoo.com.br

França as eleições locais de 1973 já apresentavam candidatos que se diziam ecologistas, ao passo que na Alemanha Ocidental, com o movimento impulsionado pela primeira crise petrolífera, os ecologistas já haviam garantido em 1979 a sua representação nos parlamentos alemães (Judt, 2005).

A popularização dos temas relacionados ao meio ambiente se deu de maneira rápida e potente ao longo das décadas de 1970 e 1980 graças a organizações como o *Greenpeace*, fundado em 1971 em Vancouver e responsável pela rápida difusão das questões ambientais por meio de ações diretas e pacíficas voltadas especialmente para a mídia televisiva.

Nesse contexto, a contaminação da natureza e o impacto de pesticidas e aditivos químicos alimentares na saúde humana passaram a ser preocupações correntes na sociedade em geral, ao mesmo tempo em que os estudos acadêmicos se voltavam para novas temáticas como o desenvolvimento sustentável e análise das relações históricas entre ser humano e natureza. Tais preocupações influenciaram a criação de disciplinas como a Sociologia Ambiental e a História Ambiental na década de 1970 em instituições como a Universidade de Chicago, assim como publicações voltadas à História e Ambiente pela revista francesa *Annales*, que dedicou uma edição especial à temática em 1974¹.

Assim, a preservação do meio ambiente e da biodiversidade do globo terrestre têm figurado como temas centrais nos debates geopolíticos e patrimoniais da atualidade. Hoje em dia, assuntos como o desenvolvimento sustentável, a preservação dos recursos naturais e o consumo consciente são candentes em diversos setores da sociedade, figurando em debates que atingem desde o ambiente escolar até a elaboração de políticas públicas e projetos de desenvolvimento sustentável a nível mundial, como é o caso da agenda 2030 das Nações Unidas². Nesse sentido, as preocupações em relação à preservação ambiental têm influenciado de modo expressivo a construção das identidades culturais, evocando a produção de novos sentidos e modos de vida que possibilitem aos seres humanos viver em maior equilíbrio com a natureza.

Nesse processo de produção das identidades as referências patrimoniais dos indivíduos e das coletividades exercem papel fundamental. Ao tornar-se a representação da memória e da cultura de uma comunidade, o patrimônio, através de

¹ Essa edição especial sobre história e meio ambiente pode ser consultada (em francês) em: https://www.persee.fr/issue/ahess_0395-2649_1974_num_29_3. Acesso em: 07 ago. 2020.

² É possível consultar o documento em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 07 ago. 2020.

suas práticas e discursos, assume uma imensa força de subjetivação, pois possibilita a visualização da memória de um grupo e a constituição de identidades culturais, já que constrói os lugares de onde os indivíduos e as coletividades podem se posicionar para pensar sobre sua história, sobre quem eles são ou sobre quem eles poderiam ser (Woodward, Hall, & Silva, 2000).

Levando em conta a importância dessa relação de subjetivação para a constituição dos indivíduos, assim como da importância da questão ambiental a nível mundial, este trabalho se foca em analisar o discurso produzido pela exposição Floresta Protetora, localizada no Centro de Visitantes Paineiras do Parque Nacional da Tijuca (PNT), na cidade do Rio de Janeiro. Com isso, almeja-se apontar como o discurso expositivo comunicado por essa importante unidade de conservação influencia a produção das identidades culturais, apontando como ele dialoga com o discurso ambientalista, e, ao mesmo tempo, assinalando os contextos, interesses e jogos de poder envolvidos na sua produção.

Traçando os contornos do discurso ambientalista

O movimento ambientalista surgiu de maneira multifacetada em todo o globo, sendo composto por variados grupos com diferentes demandas e filosofias. Apesar disso, pode-se observar a existência de certas bases comuns à maioria desses grupos.

No Brasil, até fins da década de 1970 as ações e debates que se ocupavam das questões ambientais ocorreram de forma difusa e pontual. A Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (FBCN), criada em 1858, era o principal órgão que se ocupava da elaboração de políticas a nível nacional, mas funcionava de modo paraestatal. Sua atuação era fundamentada no pensamento conservacionista clássico, que possui característica cientificista e apolítica, tendo como principal estratégia a defesa pela criação de áreas isoladas onde a interação entre ser humano e natureza é restrita.

A partir de 1970 surgem no Brasil grupos como o Movimento Arte e Pensamento Ecológico (MAPE, fundado em 1973) e a Associação Paulista de Proteção Natural (APPN, fundada em 1976), os quais foram influenciados pelos movimentos norte americanos e europeus, mas acabaram dando contornos políticos à agenda ambientalista no Brasil. Essas associações abordavam problemáticas como a poluição das cidades e os danos à saúde dos habitantes, diferenciando-se do conservacionismo ao debruçar-se sobre a problemática urbana.

Assim, grande parte dos grupos ambientalistas brasileiros que surgiram nesse contexto baseava-se no pensamento socioambientalista, ou seja, compreendia que as causas econômicas e políticas eram os grandes causadores dos problemas ambientais, tecendo críticas aos processos de urbanização e industrialização desenfreada que eram característicos do projeto desenvolvimentista adotado então pelo governo militar brasileiro.

Desse modo, o surgimento no país de grupos ambientais mais organizados está relacionado principalmente a três eventos históricos: o processo de Redemocratização, a instauração da Assembleia Constituinte de 1988 e o evento Rio-92 (Alonso, Costa, & Maciel, 2007). Em cada um desses eventos, os diferentes interesses e debates relacionados à causa ambiental foram coordenados por grupos que se tornaram cada vez mais organizados, com o objetivo de definir ações e estratégias em comum.

O processo de Redemocratização iniciado em 1975 é marcante na medida em que assinala a retomada dos movimentos sociais populares e das manifestações em prol dos direitos civis. Essas englobavam temas como o direito das mulheres, dos homossexuais, dos indígenas e dos trabalhadores da cidade e do campo, passando também pelas temáticas ambientais, que ocupavam grande parte das agendas internacionais nessa época³.

Nesse sentido, a preservação do meio ambiente, que até então era guiada no Brasil por uma corrente de pensamento conservacionista que defendia a pouca interação entre ser humano e natureza, passou a pautar-se também na nova corrente do socioambientalismo. Essa defende uma relação mais integrada entre ser humano e meio ambiente, na qual a exploração dos recursos naturais, quando realizada de forma equilibrada, é compreendida como parte da experiência humana.

Conforme a questão ambiental foi ganhando importância na sociedade brasileira, as organizações ambientalistas aumentaram em número, alcançando aproximadamente quatrocentos grupos em 1985 (Viola, 1992). Com vistas a garantir a sua representação na Assembleia para a Constituinte de 1988, esses grupos aprimoraram ainda mais suas estruturas organizacionais durante o processo de eleição para essa assembleia. Como as candidaturas só podiam ocorrer por meio de partidos, uma pequena coalização de grupos ambientalistas liderada pelo Coletivo Verde (uma divisão da MAPE) fundou o Partido Verde em 1986, enquanto diversos grupos passaram a formar alianças com o

³ A conferência sobre o Ambiente Humano, realizada pela ONU em Estocolmo em 1972 pode ser citada como um exemplo dessa agenda internacional. Durante o encontro, a organização lançou seu "Manifesto Ambiental", clamando pelo desenvolvimento de modos de vida mais equilibrados com o meio ambiente.

objetivo de apoiar outros partidos que defendiam as causas da agenda ambientalista. Foi assim que surgiu a Coordenação Interestadual Ecológica para a Assembleia Constituinte (CIEC) em 1986.

Assim, o final da década de 1980 foi marcada pela criação de instrumentos legais para a proteção do meio ambiente no país, como o estabelecimento do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e a criação de seis novos Parques Nacionais de proteção ambiental: o de Fernando de Noronha (PE), o da Chapada dos Guimarães (MT), o do Monte Roraima (RR), o do Superagui (PR), o da Serra do Divisor (AC) e o de Grande Sertão de Veredas (BA e MG).

A situação do movimento ambientalista no Brasil se modificou com a realização no Rio de Janeiro da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida também como Rio-92, Eco-92 ou ainda Cúpula da Terra. De modo a preparar-se para o evento, que ocorreu em 1992, a SOS Mata Atlântica liderou uma coalização nacional formada por mais de 1,1 mil associações, dentre as quais havia grupos ambientalistas, sindicatos, movimentos de estudantes e uma pluralidade de outras associações.

O resultado mais importante dessa coalização foi a produção de uma tônica em comum para as diferentes agendas dos movimentos brasileiros, a qual matizou as correntes conservacionista e socioambiental em prol de um neoconservacionismo. Essa nova corrente jogou luz sobre as noções de desenvolvimento sustentável e biodiversidade, permitindo que as novas demandas do movimento ambientalista conjugassem temas como a preservação das florestas e da biodiversidade à capacitação de grupos vulneráveis para a sua subsistência sustentável. Outras características aportadas pelo neoconservacionismo foram o abandono do ativismo urbano com a concentração das ações ambientalistas em áreas florestais, assim como a profissionalização dos grupos ambientalistas e a adoção de uma abordagem técnica da questão ambiental, o que levou, com o passar do tempo, a um processo de despolitização do movimento brasileiro (Alonso et al., 2007).

Foi também no contexto das movimentações que precederam a Rio-92 que a Unesco declarou o Parque Nacional da Tijuca parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Segundo a museóloga brasileira Ana Carolina Maciel Vieira (2013), junto à Conferência de Estocolmo de 1972, as contribuições advindas da Rio-92 levaram a uma modificação no modo de compreender o papel dos parques ambientais, processo que, por sua vez, é resultante de uma transformação em como se compreende a relação entre ser humano e natureza. Para essa autora, se antes de 1970 os principais critérios

para a seleção das áreas a serem preservadas era a sua monumentalidade e estética, os dois eventos mencionados modificaram tal importância. A partir deles, a oposição entre ser humano e natureza perdeu a força, pois o mundo passou a ser entendido de uma forma mais holística, na qual ser humano e natureza vivem de forma integrada. Assim, a destruição da natureza passou a ser entendida como a destruição da vida humana, e a sua preservação como sinônimo de qualidade de vida.

O evento Rio-92 impulsionou também uma espécie de *boom* ambientalista no Brasil, que levou à proliferação de ONGs especializadas como a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS, 1992), o Instituto Socioambiental (ISA, fundado em 1994) e a Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (RENCTAS, fundada em 1999), além de organizações internacionais como o *Greenpeace* (1992) e a WWF-Brasil (1996). Essas ONGs internacionais foram responsáveis por um grande aumento no fluxo de recursos destinados à agenda ambiental, o qual foi influenciado também por grandes doações vindas de países como Noruega, Suécia e Estados Unidos. Além disso, com o assassinato do seringueiro e ambientalista Chico Mendes em 1988, o mundo voltou seus olhos para a Amazônia, que passou a ser entendida na década de 1990 como uma espécie de santuário da natureza (Crespo, 2019).

De acordo com o jornalista Bruno Taitson Bueno (2016), o movimento ambientalista brasileiro foi marcado a partir de então por uma profissionalização e especialização das organizações, para que essas pudessem se adaptar a um jogo político cada vez mais disputado. Assim, apesar de terem exercido papel fundamental em movimentos anteriores, os grupos pouco organizados e formados por um voluntariado não remunerado perderam espaço e influência política.

Além disso, a difusão da questão ambiental, com foco nas questões da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável, passou a ser uma temática cada vez mais comum na sociedade em geral e nos meios não especializados, resultando também em uma parceria cada vez maior entre ONGs e grandes empresários.

No entanto, para estudiosos do tema como o economista Henri Acselrad (2010), essa especialização do movimento ambientalista e sua grande aproximação com os meios empresarial e estatal aprofundaram o rompimento entre esse movimento e as causas sociais, produzindo uma espécie de “ecologismo desenraizado”. Nesse, substituiu-se a contestação do modelo de desenvolvimento capitalista por uma atuação técnico-científica, baseada na produção de discursos e tecnologias que permitem conciliar o crescimento econômico à preservação do meio ambiente. Trata-se de uma

modernização ecológica, a qual celebra a economia de mercado protegendo os interesses do sistema.

Por outro lado, as entidades e grupos que se posicionaram contra esse deslocamento da crítica ao sistema capitalista formaram um ecologismo socialmente enraizado, entendido como contestatário por defender a elaboração de projetos ambientalistas contra hegemônicos. A partir dos anos 2000, esses grupos passaram a associar suas iniciativas à noção de justiça ambiental, evidenciando que o ambiente de certos grupos prevalece sobre o de outros e produz uma desigualdade ambiental. Essa é observada, por exemplo, na lógica da degradação ambiental e da poluição, problemas que atingem sobretudo os territórios dos grupos economicamente desfavorecidos.

Assim, os grupos ambientalistas que baseiam suas atividades na noção da justiça ambiental defendem princípios e práticas que visam aumentar o poder das comunidades, tais como o acesso justo e equitativo aos recursos naturais; a divulgação de informações a respeito do uso desses recursos e da destinação de rejeitos; a maior participação das comunidades na definição de políticas públicas e projetos que lhes dizem respeito; o desenvolvimento de modelos alternativos de desenvolvimento baseados na sustentabilidade e na democratização dos recursos ambientais.

Para além do embate entre esses diferentes tipos de projeto, baseados por um lado na modernização ecológica e por outro na justiça ambiental, Bueno (2016) afirma que a década de 2010 tem sido vista por grande parte dos ambientalistas como marcada por um profundo retrocesso em relação às políticas ambientais como um todo. Apesar disso, nos últimos sessenta anos o movimento ambientalista alcançou os mais variados setores da sociedade, influenciando profundamente o modo como compreendemos a relação entre ser humano e natureza no século XXI. O diálogo com a academia influenciou diversas ciências, como a Museologia, que a partir de 1960 passou a repensar seu papel perante as novas demandas da sociedade.

Diálogos com a Museologia

Na década de 1970, a relação entre museus e meio ambiente é estreitada por meio da criação de diversos centros de interpretação em parques nacionais de países como a França. Em 1972, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) e a Unesco produziram a Declaração de Santiago do Chile, documento que estabeleceu um novo paradigma para a compreensão da importância dos museus na sociedade. Nessa declaração, elaborou-se o conceito de Museu Integral, ou seja, o museu que leva em

conta a totalidade dos problemas de sua comunidade, integrando os ambientes naturais e culturais.

As ideias de museu e de patrimônio integral impulsionaram o campo da Museologia, incentivando a produção de novos debates e perspectivas em relação à função social dos museus. Para os museólogos Marcelo Mattos Araujo e Cristina Bruno,

O conceito de museu integral questionou noções consagradas do universo museológico, como o colecionismo, o Museu entre quatro paredes e o patrimônio oficial, identificado apenas com o histórico e o artístico. Despertou a atenção dos profissionais para todo um patrimônio à espera de musealização, para a importância da participação comunitária em todas as instâncias museológicas, e impôs novos métodos de trabalho (Araujo & Bruno, 2010, p. 19).

É nesse contexto que surgem os ecomuseus, compreendidos no âmbito do movimento da Nova Museologia como instituições que fundamentalmente envolvem as comunidades locais com seu patrimônio, o que é realizado por meio de uma relação fluída entre essa comunidade, seu território e o patrimônio multifacetado desenvolvido nesse. Tratava-se de uma ideia revolucionária, que modificou o sentido de museu “de lugar de entrega de um conhecimento a uma comunidade (transmissão), para lugar construído pela própria comunidade (veículo de expressão de uma identidade)” (Araújo, 2012, p. 48).

Baseada nessas ideias, a Nova Museologia se desenvolveu como um movimento de contestação teórica e metodológica, assim como de renovação dos museus, que deixaram de ser entendidos como espaços de guarda e visitação de coleções para ser considerados lugares onde as comunidades entram em contato com seus patrimônios e refletem a respeito de suas identidades, um processo que, em última instância, tem o objetivo de contribuir para transformar a realidade dos indivíduos.

Em 1992 a Declaração de Caracas, produzida durante o seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, reafirmou a importância dos museus como instrumentos de sensibilização junto à sociedade, “para a tomada de consciência da preservação do meio ambiente, onde o homem, natureza e cultura formam um conjunto harmônico e indivisível” (ICOM, 1992)⁴.

Para além disso, a Declaração de Caracas deu contornos mais definidos à noção de Museu Integral, transformando-o em Museu Integrado à comunidade, uma concepção que destaca a necessidade de que os museus promovam ações e processos

⁴ Disponível em: <http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2014/07/declaracao-de-caracas.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2019.

que os integrem aos seus contextos culturais, sociais e ambientais específicos. Nesse sentido, procurou-se substituir a noção das instituições museais como entes que administram de cima o trinômio território-comunidades-patrimônio, por uma compreensão desses como meios de comunicação que estabelecem diálogos entre esses elementos por meio de uma linguagem própria (Horta, 2010). Trata-se, assim, de compreendê-los como instrumentos de comunicação que devem contar com a participação ativa da comunidade para se tornarem meios de transformação social, que possibilitem aos indivíduos e comunidades refletir sobre o seu lugar no mundo e agir de modo a transformar esse mundo.

Desse modo, os questionamentos científicos e sociais levantados pelo movimento ambientalista, que instigaram a compreensão de um mundo mais integrado entre o ser humano e seu meio, estiveram no cerne de uma transformação epistemológica da Museologia, na medida em que incentivaram novos debates e formas de pensar a importância do patrimônio e de sua musealização.

Nesse contexto, as reflexões a respeito do papel social dos museus entraram no século XXI voltadas para as comunidades e para o reconhecimento das diferentes realidades e visões de mundo. Inseridos nesse movimento, estudiosos brasileiros e portugueses como Cristina Bruno (2008), Mario Chagas (2015), Inês Gouveia (2015) e Mário Moutinho (1993, 2007), entre outros, se voltaram para a teorização da Museologia voltada para as preocupações sociais, passando a defender uma nova vertente museológica, a Sociomuseologia, caracterizada por um forte engajamento social e voltada para questões sociais candentes como o desenvolvimento sustentável, compreendido como uma maneira de promover a igualdade de oportunidades, assim como a inclusão econômica e social (Moutinho, 2007).

Assim, como forma de interpretar o mundo e o relacionamento que as comunidades travam com esse, os museus se voltaram à questão ambiental, amparados por uma abordagem holística segundo a qual natureza e cultura são inseparáveis na compreensão do mundo. Na Museologia, essa inseparabilidade incentivou o desenvolvimento de abordagens transdisciplinares, impulsionando um movimento contrário ao que ocorreu nos museus na passagem do século XIX ao XX, quando esses tiveram papel fundamental na especialização das ciências.

Nesse sentido, grandes instituições museais como o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, e o *Musée de l'Homme*, em Paris, têm organizado exposições que instigam a reaproximação entre o ser humano e a natureza, debatendo a ocupação humana e suas intervenções no planeta, além de desenvolver novos discursos e formas de

comunicação museológica que procuram trazer a representação da natureza para espaços fechados. Nesse mesmo movimento de reaproximação, instituições de preservação ambiental, como jardins botânicos e parques de preservação ambiental, têm procurado levar para seus espaços abertos o debate acerca da presença do ser humano na região e de suas interferências naquele meio.

É a partir de tal perspectiva que se desenvolve o presente trabalho, que tem o objetivo de analisar o discurso produzido pela exposição permanente “Floresta Protetora”, disponibilizada no Parque Nacional da Tijuca. Compreendendo que o debate acerca da crise ambiental constitui uma das principais temáticas pelas quais os indivíduos articulam a produção de suas identidades culturais hoje em dia, almeja-se analisar qual é o discurso comunicado por essa exposição, assinalando os tipos de relação entre ser humano e natureza que ela promove.

A relevância da exposição “Floresta Protetora” para a compreensão de como a questão ambiental é comunicada e subjetivada pelos indivíduos na atualidade, está relacionada à importância do Parque Nacional da Tijuca para a articulação de uma memória coletiva e ao grande número de visitantes que ele consegue reunir, assim como ao seu reconhecimento internacional como instituição de preservação patrimonial. Trata-se da unidade de conservação mais visitada do Brasil, tendo recebido 2.959.444 milhões de visitantes em 2019⁵. É mundialmente reconhecido pelas belas paisagens e pela diversidade de fauna e flora que preserva, realizando também um importante trabalho de conservação e comunicação da herança histórico-cultural da região⁶.

De modo a analisar o discurso comunicado por essa exposição, se examinará o modo como os diferentes elementos expositivos, tais como objetos, painéis, textos e legendas, combinados aos efeitos de luz, cores e disposição, produzem um discurso que é comunicado ao público, permitindo a esse interagir com as mensagens a respeito da relação entre ser humano e natureza e subjetivar, a seu próprio modo, essa relação.

Para isso, torna-se necessário salientar que essas exposições não serão consideradas espaços neutros que apresentam a memória de uma comunidade, mas sim “criações humanas, realizadas em contextos específicos e repletas de intencionalidades” (Carvalho, 2010). Segundo o sociólogo francês Jean Davallon

⁵ Informações da Agência Brasil disponíveis em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-02/parque-nacional-da-tijuca-recebe-quase-3-milhoes-de-turistas-em-2019>. Acesso em: 07 mai. 2020.

⁶ O PNT possui dois centros de visitantes, sendo que ambos contam com exposições permanentes que abordam a relação entre a ocupação humana da região e a exploração do meio ambiente. O primeiro centro, construído em 2001 no Setor Floresta, apresenta a exposição “Uma Floresta na Metrópole”. A exposição que é objeto do presente artigo localiza-se no Centro de Visitantes Paineiras (Serra da Carioca) e foi inaugurada em 2016, com foco na comunicação das características históricas e geográficas da região.

(1986), toda exposição é portadora de um sentido e propõe um ou vários discursos. Esses discursos são construídos por meio da articulação de diversos elementos, como os artefatos, os textos explicativos e as fotografias, por exemplo. O encontro entre tais elementos constrói ligações, estabelece trocas e cria relações, processos que se amalgamam entre si e que, combinados a efeitos de luz, cores e espaço, produzem um discurso que será comunicado ao público. O efeito dessa comunicação é a produção de sentidos e relações sociais específicas, pois como as exposições são ao mesmo tempo produtoras e produtos de lugares sociais, são conseqüentemente espaços onde se desenvolvem e/ou reproduzem estratégias de poder.

Assim, compreendendo que a produção das identidades tem como característica contemporânea o diálogo com a questão ambiental, seja por meio da negação da crise ecológica ou da defesa por um modo de vida mais equilibrado com a natureza, o presente trabalho analisará a exposição “Floresta Protetora” de modo a compreender como a temática ambientalista influencia a produção das identidades nos dias de hoje.

Floresta Protetora - Análise Expositiva

Em julho de 2016 o Parque Nacional da Tijuca ganhou um novo centro de visitantes, inaugurado com o principal objetivo de melhorar a estrutura de visitação do Rio de Janeiro para os jogos olímpicos, os quais ocorreram na cidade em agosto do mesmo ano. Batizado de Centro de Visitantes Paineiras, o novo espaço foi erguido a partir da revitalização do antigo Hotel das Paineiras, que funcionou no local de 1884 a meados da década de 1980⁷.

A principal função do novo centro é a de administrar a visitação ao morro do Corcovado e ao Cristo Redentor⁸. Ele conta com loja de souvenirs, restaurantes e a exposição “Floresta Protetora”, objeto de análise deste trabalho. A entrada da exposição se encontra na extremidade direita do primeiro pavimento do edifício, separada da loja de souvenirs por um túnel pintado em verde e violeta. Essa estrutura anuncia aos visitantes a sua entrada no espaço expositivo por meio da comunicação de referências básicas do monumento que estão visitando, disponibilizando em suas paredes as frases

⁷ A revitalização do hotel e a administração do novo espaço foram concedidos pelo ICMBio ao consórcio Paineiras-Corcovado.

⁸ O Cristo Redentor é considerado um dos monumentos ícones do Rio de Janeiro e foi eleito em 2007 pela campanha internacional New 7 Wonders of the World (Novas 7 Maravilhas do Mundo) uma das sete maravilhas do mundo moderno. Para chegar até ele pode-se contratar o transporte por van, por trem ou deslocar-se em mobilidade própria.

“O Cristo Redentor está no morro do Corcovado” e “O Corcovado faz parte do Parque Nacional da Tijuca”.

A exposição se desenvolve em um espaço de 900m², ocupando a extremidade direita do primeiro pavimento do centro de visitantes e também o seu segundo pavimento inteiro. É nesse último que se encontra a maior parte dos recursos expositivos, disponibilizados em português, inglês e espanhol. A entrada é gratuita e o espaço, segundo o *blog* da instituição, tem o objetivo de “conscientizar sobre a importância do Parque Nacional da Tijuca para a nossa cidade [o Rio de Janeiro]. Sem ele, por exemplo, o Rio de Janeiro seria até 7°C mais quente”⁹.

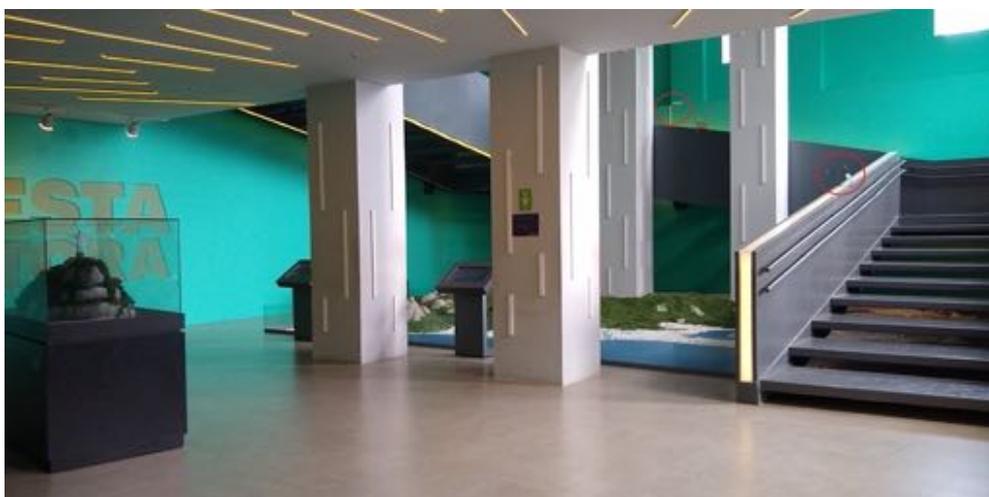


Figura 1. Visão geral do primeiro pavimento da exposição. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. Entre os pilares encontra-se a maquete que representa o parque e seu entorno. Por ser disposta diretamente no chão, é possível visualizá-la de diversos pontos do salão, como a escada, estratégia que permite que a interação com ela ocorra de inúmeras maneiras. Nos detalhes em vermelho encontram-se ressaltados dois visores, que direcionam o olhar dos visitantes para pontos específicos da maquete. Fonte: Isabela Backx, 2019.

O acesso à exposição é feito pelo primeiro pavimento e a entrada se dá por um túnel que separa esse espaço da loja de souvenirs. Esse pavimento desempenha o papel de uma espécie de hall, que recebe o visitante. A primeira sensação ao entrar nele é a de amplitude, pois trata-se de um salão grande e alto, que teve parte do teto que o separa do segundo pavimento retirado. Logo à esquerda da sua entrada, encontra-se a maquete do projeto de revitalização do local, por meio da qual pode-se ter uma visão completa do morro do Corcovado e de toda a estrutura do complexo que está sendo visitado nesse momento. Atrás desse recurso encontra-se a sala de atendimento aos guias de turismo, enquanto à sua frente, uma maquete enorme

⁹ Disponível em: <<https://blog.paineirascorcovado.com.br/2020/01/13/exposicao-floresta-protetora-curiosidades-e-conscientizacao-sobre-o-parque-nacional-da-tijuca/>> Acesso em: 14 mai. 2020.

representa com riqueza de detalhes todo o território do PNT e seu entorno urbano. A qualidade e precisão com que esse recurso foi produzido estimula os visitantes a dedicarem certo tempo apreciando-o, pois é possível localizar nele ruas, elementos geográficos e até mesmo construções específicas como hotéis e edifícios residenciais.

Na escada que dá acesso ao segundo andar foram disponibilizados três visores denominados “Pico da Tijuca”, “Pedra da Gávea” e “Corcovado”, cada qual acompanhado de uma pequena placa informativa que aborda sua altitude e outras informações, como seu acesso e importância geográfica. Ao utilizar os visores, o olhar dos visitantes é direcionado desde cima para cada um desses três pontos específicos da maquete, o que lhes permite ter uma visão acurada deles e do contexto natural e urbano no qual estão inseridos.

Ao lado esquerdo da maquete uma parede com grandes letras garrafais anuncia ao público o nome da exposição que está sendo visitada e será aprofundada logo após subir as escadas: “Floresta Protetora”. Os visitantes também se deparam com esse título logo ao chegar no segundo andar, onde ele se encontra exposto em grandes letras de MDF fixadas em uma parede com as cores e formas que definem a identidade visual da exposição.



Figura 2. Abertura do segundo pavimento. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. Na composição representada nessa imagem é possível visualizar os elementos que compõe a identidade visual da exposição: as cores verde, violeta, rosa e branco, assim como silhuetas de folhas e flores. Fonte: Isabela Backx, 2019.

Na parede à direita, um escrito relaciona diretamente a preservação da floresta à da água, chamando a atenção dos visitantes ao exibir, com grandes letras em caixa alta, a frase: “Recuperar a Floresta Para Recuperar a Água”. Trata-se do primeiro parágrafo do texto que abre a exposição, um elemento importante onde se comunica, pela primeira vez, a importância do PNT:

Em 1861 essa foi a inspiração para a criação da primeira floresta protetora da união, uma iniciativa pioneira de conservação.

Perceber a relação entre desmatamento e seca. Perceber a importância dos serviços que a natureza oferece. Foi essa visão à frente de seu tempo que interrompeu o processo de derrubada e queimada das matas para plantações e construções. Foi essa ação que permitiu a recuperação da exuberante floresta que hoje emoldura a paisagem do Rio de Janeiro.

Proteger a água, o solo, as encostas, a paisagem e a qualidade de vida: bem-vindo ao Parque Nacional da Tijuca! Mais do que uma floresta protegida, uma floresta protetora.

O texto comunica a informação de que a preservação da floresta que hoje faz parte do PNT foi iniciada quando se reconheceu a sua importância para a preservação da água na região, salientando a importância dessa percepção a nível nacional ao afirmar que ela inspirou a primeira iniciativa de conservação da união.

Nesse sentido, a principal função dessa floresta, hoje em dia, seria a de continuar oferecendo seus serviços, de modo que, apesar de haver se transformado em uma floresta protegida, ela tem como principal função ser a protetora da água, da paisagem, do solo, das encostas e da qualidade de vida na região.

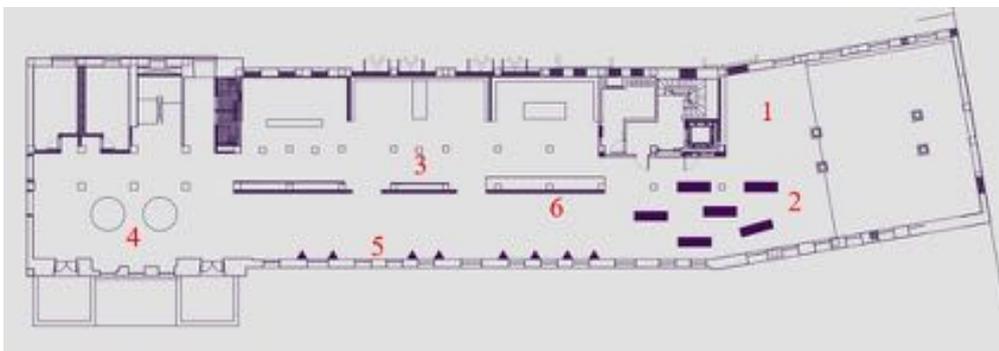


Figura 3. Planta do segundo pavimento da exposição. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. 1 – Recepção do segundo pavimento. 2 – Mesas Interativas. 3 – Conjunto de Módulos. 4 – Espaço Kids. 5 – Divisórias de Triângulos. 6 – Linha Cronológica. (Fonte: Adaptada de Floresta Protetora – Manual espaços expositivos).

Essas duas paredes recebem o visitante no segundo pavimento e localizam-se na área assinalada pelo número 1 na imagem acima, na qual pode-se observar a planta do segundo pavimento da exposição. Ao continuar o percurso dirigindo-se para a área 2 da mesma imagem, o visitante se depara com um espaço aberto que conta com seis mesas interativas que abordam temas relacionados à importância da natureza para a sociedade contemporânea.

Três dessas mesas contam com painéis deslizantes que, ao serem manuseados, produzem um impacto visual entre a imagem deslocada e uma outra que se encontra

logo abaixo, enquanto as outras três mesas possuem monitores que reproduzem vídeos de caráter mais explicativo. Os dois tipos de mesa se encontram alternados nesse espaço e não existe uma ordem pré-determinada para interagir com elas. Esse percurso é livre não só nesta área, mas em toda a exposição, de modo que a análise presentemente desenvolvida foi realizada com base no percurso executado pela autora, o qual encontra-se indicado na figura 3.



Figura 4. Aspecto geral das mesas interativas. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. À frente das mesas encontram-se grandes janelas que fornecem uma vista direta da Floresta da Tijuca. Como é possível ver na imagem, essas janelas foram rodeadas da cor verde e de painéis que imitam folhas, o que intensifica a sensação de interagir com a natureza. Fonte: Isabela Backx, 2019.

Na mesa localizada logo à entrada desse espaço, a estrutura dos painéis deslizantes foi utilizada para comunicar a importância do maciço da Floresta da Tijuca para o Rio de Janeiro, de modo que em sua legenda lê-se a frase “Imagine como seria viver no Rio de Janeiro sem a sua paisagem”. No tampo que desliza, exibe-se uma paisagem desse maciço ao fundo com o Cristo Redentor e o Corcovado em primeiro plano, cercados de verde. Ao deslocar o tampo, visualiza-se a mesma imagem com certas modificações, como o avanço da urbanização sobre o maciço, a existência de grandes nuvens sobre o conjunto da paisagem e, principalmente, a substituição da cor verde por tons terrosos, a qual causa um grande contraste entre as duas imagens e comunica o sentido de que, sem a Floresta da Tijuca, a cidade seria quente e poluída, como pode ser visto na figura 5. Ao lado dessas imagens, uma legenda informa que a cidade foi declarada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade “devido à forma única pela qual sua paisagem se integra à cidade”.



Figura 5. Imagens do tampo deslizante e da gaveta da mesa interativa “Imagine como seria viver no Rio de Janeiro sem a sua paisagem”. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. A produção de um impacto visual entre imagens que contrastam entre si para evocar a importância da preservação do meio ambiente foi uma das principais estratégias adotadas nas mesas interativas. Fonte: Arquivo do Parque Nacional da Tijuca. Setor Paineiras.

O Rio de Janeiro também é o foco da segunda mesa com painel, na qual o contraste entre as imagens foca-se em mostrar a diferença entre uma floresta densa, representada por um desenho no tampo deslizante, e uma desmatada, disponibilizada abaixo desse. A legenda, nessa e em todas as mesas do tipo, é fundamental para entender o recurso expositivo. Ela explica de que modo as florestas influenciam o clima ao seu redor, dando destaque à informação de que “*Sem o Parque Nacional da Tijuca a cidade seria até 7°C mais quente!*”.

A terceira mesa que utiliza a estrutura de painel deslizante situa-se na saída desse primeiro espaço expositivo. Diferentemente das duas primeiras, ela se desfoca da cidade do Rio de Janeiro para comunicar a importância da preservação ambiental para todo o planeta, fazendo uma homenagem ao ativista brasileiro Chico Mendes ao disponibilizar uma citação sua que articula a luta pela preservação ambiental à humanidade. No tampo deslizante desse recurso, um mapa mundial assinala os diferentes níveis de biodiversidade encontrados pelo planeta, por meio do qual é possível perceber que é na região da Amazônia onde se encontra a sua maior concentração. Ao deslizar essa imagem, visualiza-se o mesmo mapa, mas desta vez ele assinala os níveis de concentração populacional do globo, quesito no qual ganham

destaque os continentes europeu e asiático. O contraste entre as duas imagens, aliado à legenda do recurso, comunica o sentido de que a região amazônica possui importância fundamental para todo o planeta.

Essas três mesas são dispostas de modo intercalado com as outras que apresentam conteúdo multimídia. Nessas, encontram-se explicações mais didáticas sobre os elementos naturais, a interação entre eles na natureza e com o meio urbano.

A legenda da primeira delas, localizada perto da entrada desse espaço, salienta a importância da água para a vida e a cultura de todos os povos do planeta. O vídeo exibido relaciona a preservação florestal ao equilíbrio hídrico e à importância desse para o abastecimento urbano de água, além de articular a falta de vegetação às enchentes nas cidades.

A próxima mesa multimídia comunica uma explicação a respeito da estruturação da Mata Atlântica. Sua legenda informa ao visitante que esse bioma pode ser entendido como composto pelas camadas escura, clara e úmida, as quais são abordadas no vídeo que é reproduzido no monitor dessa mesa. Esse conteúdo multimídia também apresenta informações a respeito dos tipos de espécies animais e vegetais que habitam cada uma dessas camadas, de modo que o conjunto entre vídeo e legenda possui um resultado bastante didático, que comunica de maneira simples e envolvente informações complexas a respeito do bioma que o público está visitando nesse momento.

A última mesa desse tipo retoma a relação da água e da vegetação com o ambiente urbano. Sua legenda aborda o processo de erosão, articulando os deslizamentos e grandes desastres naturais à falta de vegetação. No vídeo que a acompanha, uma explicação a respeito da composição do solo destaca a importância da vegetação para a fixação da terra e das pedras, sendo finalizado com uma exemplificação de como os deslizamentos que atingem as cidades são resultado da falta de fixação de grandes rochas. Novamente, uma temática importante é comunicada de forma leve e fluída, auxiliada pela utilização de exemplos visuais e explicações claras.

Ao sair do espaço dedicado às mesas interativas, o visitante pode dirigir-se a um longo e claro corredor que conta com diversos recursos expositivos disponibilizados de maneira contínua nas paredes da direita e esquerda, ou entrar em uma sala mais escura, que projeta sons e luzes em direção às mesas interativas. Esses espaços podem ser visualizados na Figura 3, após as mesas interativas.

O contraste entre as cores escuras e a iluminação, assim como a perspectiva de encontrar recursos multimídia, faz com que a maioria dos visitantes escolha continuar o

seu percurso pela sala. Essa é a primeira de uma sequência de três módulos parecidos, quadrangulares e conectados entre si por um largo corredor que atravessa a extremidade dos três, como pode ser visualizado na terceira área da figura 3. Esse corredor divide os módulos em duas seções:

1ª seção) Parede à esquerda da entrada + corredor: por se tratar de um local de passagem, o espaço é aproveitado com a fixação de painéis na parede e, por vezes, a disponibilização de totens interativos à sua frente, os quais são dispostos de maneira recuada em direção ao interior da sala para não interromper o fluxo dos visitantes entre os módulos.

2ª Seção) Conjunto de três paredes em formato de U à direita da entrada: trata-se do maior espaço dos módulos. Suas três paredes são sempre aproveitadas de modo contínuo, formando grandes painéis que ocupam toda a superfície vertical à direita dos módulos. À sua frente são disponibilizadas mesas interativas ou, no caso do último módulo, um longo banco para os visitantes.

O primeiro desses três módulos conta na primeira seção com um painel adesivo à esquerda da entrada e, nas outras três paredes à direita que compõe a segunda seção, diversas placas pivotantes quadrangulares de tamanhos variados, instaladas em uma parede lisa em tom violeta.

Em um de seus lados cada uma dessas placas conta com uma fotografia do PNT tirada pelos próprios visitantes do parque, apresentando paisagens do local, pessoas praticando esportes e usufruindo do espaço para lazer. A informação de que a autoria dessas imagens é dos próprios visitantes é disponibilizada diversas vezes nesse painel, desencadeando um sentimento de aproximação entre o público, a exposição e o parque. Nesse processo, os sentimentos de formalidade e solenidade que poderiam ser cultivados em relação a essas instituições são desestabilizados, pois os turistas e a comunidade são reconhecidos e valorizados como protagonistas desses espaços.

Produz-se, assim, um sentimento de informalidade na exposição, o qual é ampliado fortemente pela interatividade proporcionada nessa sala, já que ela conta com cento e cinco dessas placas que podem ser livremente manuseadas pelo público para revelar o conteúdo de seu verso.



Figura 6. Pannel de placas pivotantes. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. A quantidade de placas interativas disponibilizadas neste recurso aumenta exponencialmente a sensação de informalidade e de participação dos visitantes na exposição. Fonte: Isabela Backx, 2019.

Ao ser virada, cada uma das placas apresenta frases ou partes de letras e palavras que devem ser combinadas com outras placas para fazer sentido. Dentre as frases disponibilizadas, encontram-se aquelas que informam ao público a autoria das imagens, repetidas nos três idiomas da exposição, além de uma diversidade de outras que relacionam a natureza e o parque ao usufruto comum, como “os visitantes amam o parque” e “o parque é de todos”.

As palavras soltas, por sua vez, funcionam como espécies de palavras-chave, e chamam a atenção para conceitos como “ecologia” e “biodiversidade”, além de exibir certos vocábulos que se articulam com as fotografias ao seu redor, como “céu”, “esportes” e “água”.

O conjunto desses elementos (fotografias, frases e palavras) comunica ao visitante a sensação de uma chuva de ideias visual, a qual envolve imagens, sensações e elementos que ele pode relacionar o parque. A palavra “Ar”, por exemplo, é composta por doze placas e seu tamanho se destaca em relação às outras imagens e elementos textuais, que foram disponibilizados ao seu redor com diversas imagens do PNT e palavras como “Respire” e “Sustentabilidade”, e frases como “tudo é vida no parque”, “tudo está conectado” e “a natureza é protetora e provedora”.

À frente dessas três paredes foi disponibilizada uma grande mesa interativa com o Jogo do Equilíbrio, no qual é possível simular a produção de um ecossistema por meio da inserção de diversas espécies animais e vegetais nesse. A interação se dá quando os visitantes manuseiam os painéis sensíveis ao toque disponibilizados no tampo da mesa, arrastando para dentro de um círculo as imagens relativas às espécies que desejam acrescentar ao seu ecossistema, no qual elas podem se conectar caso

estabeleçam relações entre si. Assim, é possível produzir uma grande teia de conexões, que é analisada pelo jogo para que o visitante saiba se conseguiu organizar um ecossistema equilibrado, ou se alguma das espécies selecionadas o desequilibrou. Trata-se de um jogo bastante didático, que também fornece aos visitantes informações a respeito de cada uma das espécies disponíveis.

O último recurso dessa sala é o painel interativo localizado na parede à esquerda da entrada, encabeçado pela frase “Pense sobre as consequências das ações humanas na natureza”. Enquanto não é utilizado, projetam-se no painel diversas informações relativas à Mata Atlântica, como os índices de seu desmatamento. Logo abaixo há uma grande paisagem azul e verde com montanhas e planícies, a qual é pontuada por casas, tratores, pessoas e fábricas que se destacam na imagem por estarem pintados em branco. Tal estratégia de diferenciação de cores permite que o público perceba rapidamente que os elementos brancos foram modificados ou inseridos na paisagem pelo ser humano, e que são pontos interativos do painel.

Ao tocar nesses pontos, projetam-se no painel frases como “As planícies são o melhor lugar para as ações humanas”, ou “mesmo em locais adequados as indústrias devem utilizar os recursos naturais com responsabilidade”. Assim, trata-se de um recurso que logo ao ser visualizado causa um impacto ao denunciar, por exemplo, os altos números de desmatamento na região, e que procura comunicar ao visitante boas práticas para mitigar esses números e estabelecer um melhor relacionamento entre ser humano e natureza. Vale mencionar que muitas vezes o recurso de toque não funciona, o que demanda certa insistência do visitante para a sua utilização.



Figura 7. Painel sensível ao toque e jogo do equilíbrio. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. A interatividade é uma das principais características deste módulo da exposição, assim como a ampla utilização de recursos tecnológicos. Fonte: Disponível em: www.blogaboutrio.com.br Acesso em: 10 mai. 2020.

Após analisar todos os recursos dessa sala, pode-se afirmar que ela possui um grande apelo pela interatividade, utilizando para isso elementos tecnológicos de modo balanceado. As informações comunicadas pela mesa e pelo painel com a paisagem possuem cunho mais didático, procurando informar e sensibilizar o visitante quanto aos danos e desequilíbrios que a ação humana pode causar ao meio ambiente.

Por sua vez, o painel que conta com as placas pivotantes recorre com sucesso à emoção dos visitantes, reconhecendo-os como protagonistas da exposição ao apresentar fotografias de sua própria autoria. Além disso, a chuva de ideias produzida nesse painel tem um efeito esclarecedor e comovente, pois sensibiliza os visitantes quanto à relação entre ar, água, chuva e ações como a de respirar, pensar no meio ambiente, no futuro e na continuidade da vida no planeta.

Ao passar para o próximo módulo, o visitante se depara com um grande painel fotográfico que ocupa as três paredes à direita da entrada. Nele, centenas de fotos de animais e plantas foram disponibilizadas junto a informações sobre a quantidade de espécies animais e vegetais encontradas no Brasil, assim como de dados relativos à biodiversidade da Mata Atlântica. Um vídeo reproduzido em um espaço em separado bem ao meio das fotografias simula uma queda d'água, a qual é projetada para fora da parede ao ser disponibilizada de modo contínuo em uma mesa localizada à frente da estrutura.



Figura 8. Visão geral do painel biodiversidade da Mata Atlântica, captada a partir da saída do módulo. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. O volume de fotografias de espécies animais e vegetais disponibilizado nesse painel fortalece as informações comunicadas textualmente, que salientam a grande biodiversidade da Mata Atlântica (Fonte: Floresta Protetora – Manual espaços expositivos).

Nessa mesa um painel sensível ao toque permite que os visitantes interajam com fotografias de espécies que vinham descendo pela queda d'água. Ao serem tocadas, as fotografias apresentam informações detalhadas a respeito dos animais e plantas que

representam. No entanto, vale mencionar que poucas vezes o recurso de toque funciona, de modo que muitos visitantes se afastam dessa mesa sem a haver utilizado com sucesso. Abaixo dela, optou-se por instalar uma iluminação de destaque com feixes horizontais de luz dourada.

Como é possível ver na figura 8, a estratégia de iluminação utilizada nessa sala tem o objetivo principal de realçar esse painel, pois, além do efeito de destaque alcançado com o recurso da queda d'água, os holofotes de iluminação encontram-se quase que em sua totalidade direcionados às fotografias, enquanto no restante da sala (chão, teto e o suporte dos recursos expositivos) utiliza-se a cor preta.

De modo geral, a produção do contraste entre o escuro e o claro, aliada à utilização de grandes fotografias coloridas, produz um efeito visual bonito e atrativo para esse painel. Em sua totalidade, o conjunto procura trazer para dentro do espaço fechado a representação de uma floresta virtual, lançando mão de recursos tecnológicos e de dezenas de imagens de espécies animais e vegetais para isso, como pode ser visto na figura 8. Nela, é possível ver que o conjunto de recursos representa uma cachoeira cercada de verde e de animais.

Como a atenção dos visitantes é totalmente atraída para essa representação, o outro recurso desta sala, localizado na primeira seção e composto por um totem e um painel instalado à direita da entrada, fica em segundo plano. No totem, que pode ser visualizado na imagem ao lado, um painel interativo apresenta para o visitante todos os biomas encontrados no Brasil e a sua localização, assim como os parques nacionais (parnas) encontrados neles. No mapa do país, a posição específica dos parnas é assinalada por um marcador em amarelo que, ao ser tocado, abre uma janela virtual contendo diversas informações sobre o parque, como seu nome, seus atrativos e os modos de chegar até lá. Ao mesmo tempo em que essa janela é aberta, o painel localizado à frente do totem é ativado, e começa a exibir grandes imagens desse parna.



Figura 9. Totem e painel dos parques nacionais do Brasil. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. A estratégia de escurecer o ambiente ao redor dos elementos expositivos e limitar a iluminação do local à luz que incide sobre ou é produzida por eles, é um recurso comumente utilizado para atrair os visitantes a esses recursos. Fonte: Isabela Backx, 2019.

Trata-se de um recurso que permite ao visitante perceber que o PNT está inserido em uma rede maior de proteção ao meio ambiente, valorizando também os outros parques que fazem parte dessa rede, os quais são, por vezes, totalmente desconhecidos pelo público.

Assim, pode-se dizer que esta sala mantém certas características da anterior, como o didatismo e a utilização de recursos tecnológicos de modo interativo. Esses, no entanto, têm um maior impacto nessa sala, comunicando o sentido de que o público está visitando uma exposição moderna e tecnologicamente bem aparelhada, o que é fortalecido na próxima sala com a exibição de um filme em 180°.

O filme “Um dia no Parque Nacional da Tijuca” é projetado em painéis contínuos dispostos nas três paredes à direita de quem entra no próximo módulo do percurso. Ao longo de aproximadamente quatro minutos, ele exhibe imagens do parque capturadas em diferentes momentos do dia, desde o amanhecer até o pôr do sol.

Imagens de pessoas praticando diversos esportes e passeando no local são articuladas às dos animais, dos insetos e da vegetação do parque, assim como a passagens nas quais é possível ver cachoeiras, o céu e a chuva caindo. É importante

ressaltar que a presença humana não ganha destaque nesse recurso, que recai sobre o parque em si e seus elementos. Esse enfoque permite valorizar a natureza sem necessariamente relacioná-la aos benefícios que pode fornecer ao ser humano, o que é comunicado aos visitantes por meio de um vídeo que lhes fornece a sensação de observar como seria um dia normal no PNT.

Na exposição como um todo, o vídeo também se destaca por “chamar” os visitantes para esta sala, pois ele é acompanhado de um áudio que combina música instrumental aos sons de pássaros, animais, chuva e quedas d’água, os quais são reproduzidos em alto volume e alcançam a maioria dos outros espaços da exposição. Nesse sentido, logo ao acessar o segundo andar o público pode ouvir o áudio, mas não identifica, a princípio, a sua origem. Esse processo faz com que a sala “chame” os visitantes para ela, pois estes acessam cada novo espaço expositivo com a expectativa de encontrar a origem do som.



Figura 10. Vídeo em 180°. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. A extensão dos painéis que reproduzem o vídeo e a grande proporção adotada em suas imagens incentivam a imersão dos visitantes no conteúdo apresentado. Fonte: Isabela Backx, 2019.

À frente desse vídeo, na parede à esquerda da entrada, também foram disponibilizados dois totens semelhantes ao do módulo anterior, onde é possível conhecer a localização e os atrativos de todos os outros parques nacionais brasileiros.

Assim, pode-se afirmar que este módulo, a exemplo dos outros dois, tem como característica a ampla utilização de recursos tecnológicos para sensibilizar o público. O vídeo em 180° comunica de uma forma visualmente ampla e atrativa as características do parque que se está visitando, produzindo uma valorização do PNT que acaba sendo estendida aos outros parques nacionais, apresentados aos visitantes pelos totens.

Desse modo, as semelhanças entre os recursos expositivos e os discursos dos três módulos analisados anteriormente permitem que eles sejam compreendidos como um conjunto, uma parte única da exposição. Como eles lançam mão principalmente de projeções e jogos de luzes aplicados a cores escuras, como o preto e o violeta, o ambiente pouco iluminado e o grande destaque sobre os recursos expositivos são características visuais facilmente perceptíveis desse conjunto.

Quanto ao seu discurso, ele possui característica bastante didática, concentrando-se em comunicar ao público informações detalhadas a respeito de centenas de espécies animais e vegetais encontradas na Mata Atlântica, assim como ações que devem ser tomadas e evitadas no relacionamento entre ser humano e natureza, como a inserção de animais estranhos a certos ecossistemas.

Além disso, esse discurso também consegue desestabilizar a noção de que a importância da natureza estaria essencialmente relacionada ao fornecimento de serviços e recursos para o ser humano, como a água. Tal processo ocorre por meio de uma valorização da natureza que é baseada nos próprios atributos dessa, como a biodiversidade, assim como por meio da utilização de recursos expositivos que incentivam os visitantes a desenvolverem laços afetivos com os elementos naturais, relacionando-os ao amor e a uma conexão espiritual, como é o caso do painel de placas pivotantes.

Pode-se afirmar que a estratégia curatorial de adotar uma ampla variedade de recursos interativos e imersivos foi fundamental para a produção desses laços afetivos. A cenografia imersiva, como no caso do vídeo em 180° e no painel de biodiversidade, permite que os visitantes vivenciem de dentro da exposição um outro ambiente de modo dinâmico e participativo, seja ele real, como no caso do vídeo, ou virtual, como no painel.

É importante salientar que a sensação provocada por esses, assim como por todos os recursos imersivos, não é ilusionista, ou seja, não cria no visitante a ilusão de estar em outro lugar. O diálogo dos visitantes com os dois recursos citados acima é permeado por uma clara consciência de que esses lançam mão de avançadas tecnologias de vídeo, de modo que não existe a ilusão de haver sido transportado para outro ambiente. O que existe é um outro tipo de relacionamento com o espaço perceptivo, duplo e simultâneo, no qual o visitante reconhece a possibilidade de vivenciar outro ambiente por meio de tecnologia avançada. Essa desempenha um papel importantíssimo na experiência, pois também possibilita a produção e o fortalecimento de laços afetivos com a exposição ao permitir que os visitantes interajam com elementos tecnológicos, uma atividade muito valorizada nos dias atuais.

A interação com os recursos expositivos – que não é restrita a aqueles que se utilizam de tecnologia audiovisual, vide o painel de placas pivotantes – também é fundamental para a produção desses laços afetivos. Ao participar da exposição manuseando seus elementos, interagindo com eles e alterando a sua configuração, os visitantes se reconhecem como agentes que tomam ações e interferem no espaço, um espaço que é dedicado a eles e é continuamente alterado pela sua participação. Assim, ao manusear as placas pivotantes, por exemplo, e construir palavras como “Ar”, o público também se reconhece como autor da exposição, estreitando seus laços afetivos com ela e com os discursos que essa comunica.

Ao sair desse conjunto de três módulos, o visitante se depara com um espaço direcionado às crianças. Nele foram disponibilizados dois grandes cilindros com painéis ricamente desenhados em seu interior, nos quais as crianças são convidadas a localizar animais característicos da Mata Atlântica, como a preguiça e o mico-leão-dourado. No lado exterior é possível tirar fotografias e desenhar/escrever com giz nas próprias paredes dos cilindros, um recurso que permite tanto às crianças quanto aos adultos interferir de maneira pontual na exposição.



Figura 11. Vista externa de um cilindro do espaço *kids*. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. Ao permitir que os visitantes escrevam com giz nas paredes dos cilindros, potencializa-se o sentimento de que esses são agentes da exposição e interferem nela, pois esses podem deixar para os próximos visitantes recados e mensagens. Fonte: Isabela Backx, 2019.

Atrás dos cilindros, quatro painéis disponibilizados de maneira intercalada a três caixas de observação complementam o espaço *kids*. Dentro de cada uma das caixas há fotografias de diferentes espécies animais que compõe um microcosmo entre si, que podem ser observadas por meio de recortes em formato de lupa realizados do lado de fora das caixas, onde também se encontram legendas que informam aos visitantes os nomes de cada um dos animais. Como essas lupas de observação foram disponibilizadas numa altura bastante baixa, o recurso se torna praticamente exclusivo

para as crianças, estratégia que possibilita que essas se sintam valorizadas e partícipes do processo de comunicação expositivo, pois, como são as únicas que conseguem utilizar esses recursos, atribui-se a elas o importante papel de comunicar aos adultos o conteúdo das caixas.



Figura 12. Painel Embaúba. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. A exposição tem caráter fortemente interativo, o qual é produzido não só pela utilização de tecnologia, mas também de recursos simples e criativos como a disponibilização de uma escala que permite às crianças compararem a sua idade e altura à de um jequitibá (Fonte: Floresta Protetora – Manual espaços expositivos).

Os painéis, por sua vez, abordam de modo divertido e interativo informações a respeito das embaúbas e jequitibás, espécies de árvores que podem alcançar, respectivamente, 15m e 50m de comprimento. Enquanto a altura das embaúbas é comparada ao prédio em que os visitantes se encontram nesse momento, afirma-se que “o jequitibá pode alcançar mais de 50m de altura, maior que a estátua do Cristo Redentor. O jequitibá é o gigante da floresta. É preciso 10 pessoas para abraçar um jequitibá”.

Ao destacar o tamanho que pode ser alcançado por essas árvores e utilizar vocábulos como “gigante”, comunica-se a característica de grandiosidade dessas espécies, influenciando um sentimento de admiração por parte dos visitantes. Além disso, por meio de informações a respeito das características de crescimento dessas

árvores e da disponibilização de réguas de altura, os visitantes, especialmente as crianças, podem comparar o seu ritmo de crescimento ao delas, como é possível ver na figura 12.

Sendo assim, o espaço *kids* mantém de forma divertida o caráter interativo e didático da exposição, o que é realizado por meio de estratégias bem pensadas para atingir um público que tem como características ser mais ativo e breve em sua concentração.

Nesse sentido, foram comunicadas informações menos complexas a respeito da Mata Atlântica e de um modo que exige menos tempo de contemplação, a exemplo das caixas de microcosmos, que demandam apenas uma espiada. Além disso, todos os recursos desse espaço requerem que os visitantes se agachem, passem por pequenos espaços ou se posicionem de determinada maneira para interagir com eles, de maneira que o processo de comunicação envolve uma intensa movimentação física, aspecto que agrada às crianças e permite que essas subjetivem as informações de modo divertido.

O espaço dedicado à exposição encerra-se logo após o espaço *kids*, onde se encontram os painéis relativos aos créditos fotográficos e à ficha técnica. Assim, para apreciar o restante da exposição é necessário que o público retorne em direção à entrada, tendo por opção voltar pelo grande corredor iluminado cuja visitação foi adiada no começo da exposição, em função do conjunto de módulos multimídia.

Esse corredor apresenta dois conjuntos de recursos que se desdobram ao longo de suas paredes laterais. À direita, grandes janelas são intercaladas por divisórias em formato triangular, cada uma delas decorada em toda a sua extensão com um adesivo que simula uma grande folha verde vegetal, no meio da qual encontra-se impressa a citação de uma personalidade como Machado de Assis ou Charles Darwin, descrevendo afetivamente uma experiência de contemplação da floresta:

Foi em 1865, uma tarde de março, por sinal que chovia. Quando chegamos ao alto da Tijuca, onde era o nosso ninho de noivos, o céu recolheu a chuva e acendeu as estrelas, não só as já conhecidas, mas ainda as que só serão descobertas daqui a muitos séculos (...) São Pedro, que tem as chaves do céu, abriu-nos as portas dele, fez-nos entrar...

Machado de Assis, 1899.



Figura 13. Visão geral do corredor com as divisórias triangulares. Exposição “Floresta Protetora”, Parque Nacional da Tijuca. Em cada triângulo, a visão da janela, articulada à citação impressa na divisória e ao áudio que busca reproduzir elementos mencionados nesse texto, produzem uma experiência imersiva na vivência relatada na citação (Fonte: Floresta Protetora – Manual espaços expositivos).

Localizadas ao lado dessas citações, as janelas fornecem ao visitante uma vista da floresta descrita carinhosamente por essas personalidades. A experiência de apreciação do parque é intensificada por áudios de pássaros, de animais e de água, que representam os sons ouvidos por essas personalidades em seu momento de contemplação. Nesse conjunto que apresenta a citação de Machado de Assis, por exemplo, há um círculo verde em frente à janela indicando que, ao posicionar-se ali, o visitante ouvirá os sons da chuva na floresta. Trata-se de uma experiência imersiva que sensibiliza o público quanto à apreciação histórica do parque, procurando comunicar as sensações e experiências afetivas vivenciadas por outros visitantes em distintas épocas, no mesmo local.

Na parede esquerda desse mesmo corredor, ou seja, à frente dos triângulos, encontra-se uma longa linha cronológica com a história da mata que hoje compõe a Floresta da Tijuca desde 1502 até 2016. Ela é composta de quarenta painéis, que combinam informações textuais a elementos iconográficos para comunicar eventos considerados chave na história da relação entre a cidade e a floresta.

ao Corcovado, a exemplo da estrada de ferro construída em 1884, as quais jogam luz sobre a historicidade das práticas de lazer não só nessa área, mas em todo o país, como pode ser visto no texto do painel “1919”: “Com o uso cada vez mais frequente de espaços naturais para esportes e lazer, é criada no Brasil a primeira agremiação de montanhistas da América do Sul, o Centro Excursionista Brasileiro”.

A temática da utilização dos espaços naturais para lazer é aprofundada no próximo conjunto de painéis, que se concentra em comunicar a história da criação e configuração atual do PNT, assim como sua importância para que o Rio de Janeiro fosse declarado pela UNESCO em 2012 como Patrimônio Mundial na categoria Paisagem Cultural. Outro ponto interessante a ser destacado nesse último conjunto é a articulação entre as informações referentes à legislação ambiental brasileira e a realização de conferências ambientais mundiais, comunicando ao público uma espécie de consonância entre as políticas do país e as de organizações mundiais como a ONU.

É importante também assinalar que em nenhum dos painéis foi observada qualquer referência à comunidade que vive próxima ao PNT ou, de modo mais específico, ao Corcovado. A linha cronológica, principalmente quando aborda os eventos que se desenrolaram a partir do século XX, destaca as ações legais de preservação a nível local e nacional, valorizando também as estruturas e ações que permitem o usufruto do parque para lazer, mas não faz referência à relação do parque com a sua comunidade mais próxima. Assim, a mensagem comunicada é a de que o PNT se encontraria ilhado na grande metrópole que é o Rio de Janeiro. No entanto, a entrada do parque que leva ao Corcovado localiza-se no Cosme Velho, um antigo bairro da cidade que, segundo o censo de 2010, contava com 7178 habitantes e que é separado do novo centro de visitantes por apenas 3km de estrada.

Além disso, o recurso joga luz sobre uma diversidade de ações de preservação e de ampliação do parque, mas não menciona o porquê de tais ações serem necessárias, as quais estão relacionadas aos problemas ambientais que ainda são enfrentados na região, como a extração de minerais, a poluição da água e o desmatamento (Vieira, 2013). Ao não jogar luz sobre essas questões, comunica-se novamente o sentido de que o parque estaria isolado, como uma espécie de entidade que livre dos problemas ambientais que a maioria da sociedade enfrenta atualmente.

Assim, os quarenta painéis desse recurso delegam ao passado esses problemas, relacionando o presente da Floresta da Tijuca ao lazer e a ações de preservação. Aliada à organização dos painéis em uma linha cronológica, essa estratégia acaba produzindo uma noção evolutiva da relação entre ser humano e essa

floresta, comunicando o sentido de que, sem enfrentar qualquer tipo de problema na atualidade, essa relação teria alcançado seu auge hoje em dia.

Como se trata de um conjunto que conta com bastante conteúdo textual, a maioria dos visitantes não se detém para ler todos os painéis, direcionando-se às datas ou aos conteúdos que mais lhes interessam. A leitura detida desses é incentivada com a disponibilização de bancos no centro do corredor, nos quais os visitantes podem descansar e dedicar-se não só à leitura da cronológica, mas também das citações que fazem referências afetivas à floresta, localizadas na outra parede do corredor.

É importante também salientar que o painel dedicado ao ano de 1502, ou seja, o início cronológico da linha, localiza-se perto da entrada da exposição, logo após as mesas interativas. No entanto, a maioria dos visitantes acessa esse recurso vindo pelo seu outro lado, a partir do espaço *kids*, traçando o percurso indicado neste trabalho. Assim, esses visitantes encontram a linha posicionada regressivamente, de modo que a história da Floresta da Tijuca é comunicada a eles a partir de 2016 – ano da inauguração do Centro de Visitantes Paineiras – e se desenrola ao longo de quarenta painéis que abordam os eventos anteriores a essa data.

Essa liberdade no modo de dialogar com a linha cronológica não interfere significativamente na comunicação de seus significados, pois, mesmo que a sua leitura seja feita de modo regressivo e, com isso, finalizada com a informação negativa de que há quatro séculos a relação do ser humano com o meio ambiente era de exploração, mantem-se a sensação de que no presente esse problema foi superado.

Com a visita a esse corredor, as pessoas que traçam o percurso expositivo apontado neste trabalho acabam de percorrer toda a exposição. Como visto, essa não possui um percurso pré-definido, de modo que o público é totalmente livre para transitar entre os recursos a qualquer momento. Tal liberdade de escolha também é aplicada à saída da exposição, pois o visitante pode optar por deixá-la utilizando a saída indicada no espaço *kids*, ou pode retornar para o andar de baixo pela mesma escadaria que lhe deu acesso ao segundo pavimento.

Considerações finais

Os centros de visitantes de parques nacionais são importantes instrumentos de acolhida e de sensibilização do público quanto à importância da preservação do patrimônio. Como afirma a estudiosa da Museologia Elisama Beliani,

Nestes espaços, específicos para a presença humana, cada visitante, pesquisador, e/ou participante das ações de interpretação neles desenvolvidas, poderá desencadear processos positivos de internalização, sensibilização e conscientização sobre a proteção e o cuidado com a natureza como garantia de futuro, dando ensejo ao desenvolvimento de novas formas culturais ligadas à proteção do meio ambiente (Beliani, 2012, p. 280).

Compreender como os diferentes espaços da exposição Floresta Protetora se articulam entre si e produzem um discurso a respeito da relação entre ser humano e natureza, permite observar os mecanismos e estratégias por trás da produção dessas novas formas culturais mencionadas por Beliani.

Assim, após a detida análise duas primeiras áreas do segundo pavimento, é possível afirmar que essas têm um enfoque mais regionalista e produzem um discurso que relaciona a importância da natureza aos serviços que essa pode fornecer à sociedade. É nesse sentido que pode ser compreendida a parede localizada à direita do título da exposição, na qual se ressalta a importância histórica da água para a qualidade de vida no Rio de Janeiro. No texto em questão, a natureza é comunicada como uma provedora de serviços e recursos, um sentido que é produzido principalmente ao relacionar a seca ao desmatamento e utilizar a frase “Perceber a importância dos serviços que a natureza oferece”.

Essa concepção utilitarista da natureza é característica da razão moderna e do sistema desenvolvimentista adotado pela sociedade ocidental a partir do século XVIII, no qual a noção de desenvolvimento foi atrelada à de crescimento econômico. Nesse processo a natureza perdeu sua importância intrínseca e sua relevância passou a ser associada à sua capacidade de fornecer recursos que alimentassem esse sistema.

O conceito de recurso natural, tão comum à sociedade atual, pode ser entendido nesse contexto. Ele produz um significado para o meio ambiente que o atrela aos processos produtivos, ratificando a ideia de que a função da natureza é a de ser fornecedora dos seres humanos. É também nessa lógica que ocorre a coisificação de elementos como a qualidade do ar e a temperatura ambiental, entendidos como produtos oferecidos à sociedade.

Essa concepção de que a importância da natureza está atrelada às contribuições que ela é capaz de fornecer aos seres humanos é intensificada logo depois nas mesas interativas, como, por exemplo, naquela que afirma que sem o PNT o Rio de Janeiro seria até 7º mais quente. A maioria das outras mesas também se foca em defender a preservação ambiental salientando os prejuízos que a falta dessa pode causar à vida nas cidades, de modo que a defesa pela preservação das florestas, da biodiversidade

e das nascentes é relacionada à prevenção de desastres no meio urbano como enchentes, deslizamentos e o desabastecimento de água.

A legenda da mesa que convida o visitante a imaginar como seria viver no Rio de Janeiro sem a sua paisagem ratifica essa ideia de “natureza para o ser humano”, explicando que a cidade recebeu o título de Patrimônio da Humanidade “devido à forma única pela qual sua paisagem se integra à cidade”. Nesse caso é a construção da frase que merece a nossa atenção, pois ela é característica dessa maneira de compreender a relação entre natureza e ser humano. Ao invés de indicar que a paisagem e o meio urbano se integram de forma única nessa região, ou mesmo de que a cidade se integrou de maneira especial à natureza – já que o processo cronológico seria esse, com os seres humanos se adaptando a um meio ambiente que já existia – a legenda reproduz o sentido de que é a natureza que se adaptou à cidade.

Em um primeiro momento essa pequena construção textual pode parecer irrelevante para o discurso comunicado pela exposição como um todo. No entanto, é necessário compreender que essa frase comunica um modo de compreender a relação entre ser humano e natureza que é dito e redito de diversas maneiras, em variados lugares e em práticas quotidianas dos indivíduos, de modo que ela (re)produz essa compreensão, influenciando as práticas e simbolismos pelos quais os indivíduos se relacionam com o meio ambiente em seu dia a dia, uma relação em que a natureza é colocada a nossa disposição.

Tais reflexões não tem o objetivo de desmerecer o conteúdo dessas primeiras áreas da exposição, mas de caracterizar o tipo de relação entre ser humano e natureza que elas comunicam. Assim, é importante também ressaltar que a segunda área possuiu um didatismo claro e envolvente, que consegue comunicar de maneira leve processos e estruturas complexas, como as camadas estruturais que compõe a Mata Atlântica. Também ocorre um primeiro movimento de desfoque regional, produzido na mesa que salienta a importância da Floresta Amazônica e de sua biodiversidade para toda a população do planeta.

Esse caráter didático é observado também na próxima área da exposição, composta pelos três módulos assinalados com o número 3 na figura 3. Neles são comunicadas as características de centenas de espécies animais e vegetais que compõe a Mata Atlântica, e o visitante pode compreender o funcionamento dos ecossistemas por meio do jogo do equilíbrio. Além disso, informações a respeito de boas práticas no relacionamento com a natureza também são comunicadas no painel sensível ao toque que se encontra na entrada do primeiro módulo.

Recursos expositivos que incentivam a interação e a imersão do público também são marcas desse conjunto de módulos. Neles, a tecnologia foi utilizada de modo amplo e favoreceu grandemente os processos de comunicação, como é o caso do painel que apresenta a cachoeira virtual e do vídeo de 180°. O primeiro utiliza recursos visuais e sensíveis ao toque para evocar uma rica floresta e comunicar a informação de que a Mata Atlântica contém uma grande biodiversidade, ao passo que o segundo se apoia em recursos audiovisuais de grande amplitude como o objetivo de comunicar ao visitante, por meio de um processo de imersão, os eventos humanos, animais e climáticos que ocorrem em um dia cotidiano no PNT.

O caráter regionalista da exposição também perde sua força neste conjunto de módulos, devido à instalação dos totens que permitem aos visitantes aprofundarem-se no conhecimento de outros parques de conservação a nível nacional.

No primeiro módulo ainda é possível observar a reprodução da ideia utilitarista da natureza, o que ocorre, por exemplo, no painel sensível ao toque por meio da comunicação de conceitos como o de recurso ambiental, ou no painel de placas pivotantes, no qual a frase “a natureza é protetora e provedora” reproduz a noção de que essa seria uma espécie de entidade que abastece os seres humanos. No entanto, de maneira geral, a valorização da natureza por meio da ótica utilitarista perde sua força nesse conjunto de módulos, pois a maioria dos seus recursos se concentra em ressaltar a importância da natureza por meio de outras estratégias, tais como a valorização pelos seus próprios atributos, como a biodiversidade, e, principalmente, pelo incentivo ao estabelecimento de laços afetivos entre o público e o PNT.

O próprio painel de placas pivotantes pode ser citado como um dos principais recursos expositivos que incentiva esse outro tipo de valorização, já que ele produz uma chuva de ideias que permite aos visitantes relacionar elementos como o ar, a água e a chuva ao futuro e ao amor, intensificando esse processo de comunicação por meio de uma forte interatividade. Nesse sentido, esse conjunto de módulos consegue incentivar a produção de um outro tipo de relação com a natureza, baseada não na ideia de sua exploração, mas no incentivo à produção de laços afetivos entre o visitante e ela.

No espaço *Kids*, localizado logo após a saída do último módulo, os painéis sobre as embaúbas e jequitibás auxiliam na produção desses laços afetivos. A comparação entre a altura dessas árvores e a das crianças estreita a relação entre ser humano e natureza, pois comunica a existência de claros pontos de aproximação entre esses, o que é feito de maneira informal e divertida. Além disso, esses recursos expositivos também desestabilizam a noção utilitarista da natureza, já que comunicam a

grandiosidade dessas espécies de árvores por meio da seguinte lógica interpretativa: se as embaúbas e jequitibás devem ser admiradas pelo seu tamanho, elas não devem ser cortadas, ou seja, não devem ser transformadas em recursos ambientais a serem consumidos pelos seres humanos.

Ao disponibilizar essas e outras informações por meio de recursos que são exclusivos para as crianças, como as caixas de observação e os cilindros que são restritos para os adultos devido a sua disponibilização ou tamanho, incentiva-se as crianças a desenvolverem o conhecimento de modo autônomo, o que as estimula a se compreenderem de modo ativo e protagonista em seu próprio mundo.

No processo que incentiva a produção de laços afetivos com a natureza, os triângulos localizados depois do espaço *kids* também desempenham papel fundamental, pois evocam de modo sensível experiências de personalidades que desenvolveram uma relação afetiva com o PNT, baseada em sentimentos como a admiração, carinho e alegria.

É importante também mencionar que a maioria das citações dessas personalidades data do século XIX, quando a concepção da natureza foi fortemente influenciada por movimentos como o romantismo e o transcendentalismo, que compreendiam a natureza como possuidora de um valor espiritual e estético intrínseco a ela. Essa noção teve forte influência sobre o movimento conservacionista, que se espalhou pelo mundo a partir do século XX e, como visto anteriormente, fundamentou importantes políticas de proteção ambiental no Brasil, como a criação da FBCN e do próprio PNT.

Nesse sentido, o pensamento dessas personalidades faz parte da história do parque e suas citações reproduzem os traços conservacionistas de admiração e veneração da natureza, cuja comunicação influencia o modo como nos relacionamos afetivamente com ela hoje em dia.

Apesar disso, o pensamento conservacionista clássico não ganha muito espaço na exposição, que é influenciada pela sua vertente mais atual, o neconservacionismo. Como visto, essa corrente jogou luz sobre a importância da biodiversidade e de uma concepção mais holística entre ser humano e natureza, sustentando que uma convivência mais integrada leva à preservação de ambos e a uma melhor qualidade de vida. É nessa corrente que podemos compreender não só o painel sobre biodiversidade, mas principalmente o grande destaque que é dado durante todo o percurso expositivo à fruição do parque para o lazer, com os passeios e as práticas esportivas.

Esse grande destaque pode ser observado também na linha cronológica, o último recurso da exposição de acordo com o percurso traçado pela autora. Nele, foi possível observar que diversos painéis foram dedicados à história das estruturas e instrumentos legais que permitem o usufruto do parque para lazer, comunicando o discurso de que, após um período de exploração desequilibrada pelo ser humano ocorrido entre fins do século o século XVI e inícios do XIX, a floresta que hoje compõe o PNT tem sido, desde então, exclusivamente objeto de políticas e ações preservacionistas e, principalmente, um espaço para o descanso e lazer dos turistas e moradores do Rio de Janeiro.

Os sentidos comunicados com a produção dessa ideia de exclusividade podem ser melhor compreendidos quando relacionados aos estudos do historiador Reinhart Koselleck (1992, 2006), segundo o qual a produção da história não só interpreta o passado em função do presente, mas também visa a um futuro específico com isso. Nesse sentido, a ideia de que esse espaço vem sendo dedicado com sucesso há quase dois séculos a práticas de preservação e lazer é produzida em diálogo com os interesses e os objetivos atuais, que almejam esse tipo de práticas de fruição para o PNT.

Esse processo ilustra muito bem como a produção das identidades contemporâneas pode ser influenciada pelas exposições. Ao comunicar que a relação entre ser humano e natureza nessa região tem sido historicamente baseada no lazer e na preservação, essa linha cronológica pode influenciar a visão de mundo dos visitantes, incentivando-os a desenvolver um relacionamento do mesmo tipo com a natureza, o qual é comunicado como historicamente fundamentado.

De modo a compreender melhor esse discurso e os objetivos visados com ele, é importante também assinalar os interesses que envolvem a sua produção, dentre os quais o mais importante está relacionado à função turística da exposição. É essencial levar em conta que essa foi concebida como parte da estrutura de visitação ao Cristo Redentor e ao Corcovado, o ponto turístico mais visitado do Brasil segundo o ICMBio¹⁰. É com vistas a atender e fomentar essa grande atividade turística que podemos compreender alguns dos interesses almejados com o discurso dessa exposição, concentrados em incentivar a visitação ao parque e salientar a sua preservação, um aspecto que tem sido cada vez mais demandado pela sociedade.

É por meio dessa reflexão que podemos entender o silêncio dessa exposição em relação à comunidade mais próxima ao parque e aos problemas ambientais que esse

¹⁰<https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/10884-parque-da-tijuca-segue-sendo-o-campeao-de-visitacoes>. Acesso em: 03 set. 2020.

enfrenta na atualidade, já que o discurso expositivo final atende aos interesses turísticos e poderes econômicos do contexto no qual foi produzido. Assim, esse discurso evoca a existência de um oásis de preservação da natureza em meio a uma grande metrópole, uma ideia idílica a respeito do PNT que em seu processo de construção apaga as histórias e as memórias das comunidades mais próximas a ele.

Segundo a cientista social Annelise Caetano Fraga Fernandez (2011), o imaginário construído a respeito dos parques nacionais no Brasil auxiliou na construção da identidade brasileira ao sustentar a existência de uma natureza edênica no país. Como vimos, esse imaginário continua a ser reproduzido no PNT, tendo como resultado o obscurecimento da realidade social e ambiental desse entorno.

Nesse sentido, ao silenciar sobre as questões socioambientais o discurso da exposição Floresta Protetora comunica uma relação romantizada entre ser humano e natureza, sustentando que ambos podem conviver harmônica e integradamente por meio de um relacionamento baseado no lazer, mas não aborda o dia a dia dessa relação, travada no contexto de uma sociedade que polui, extrai e consome.

Como vimos, a falta de diálogo com as questões urbanas também é um traço característico do neoconservacionismo, concentrado em ações ambientalistas dentro das áreas florestais. Para além dessa corrente, pode-se afirmar que o discurso expositivo dialoga também com a noção de modernização ecológica, pois, como visto, comunica nas primeiras áreas do segundo pavimento uma noção utilitarista a respeito da natureza, a qual coisifica certos elementos dessa e a considera uma fornecedora de serviços e recursos. Esse tipo de concepção é característica da economia de mercado e, aliada à falta de diálogo com as causas sociais e a certos recursos da exposição, como o painel sensível ao toque do primeiro módulo, que comunica um discurso no qual a exploração dos recursos naturais é conciliada à preservação natural, caracteriza a noção de modernização ecológica abordada na introdução.

Sendo assim, pode-se afirmar que, em relação ao movimento ambientalista, o discurso comunicado pela exposição dialoga principalmente com a corrente neoconservacionista e com essa noção de modernização ecológica. No entanto, é importante ressaltar que esse mesmo discurso apresenta um elemento que permite desestabilizar essa noção: um marcante incentivo à valorização da natureza por meio da produção de laços afetivos entre ela e os seres humanos.

Ao longo desta análise foi possível ver que diversos recursos expositivos, como o painel de placas pivotantes e as divisórias de triângulos, promovem essa valorização,

fundamental para superação da crise ambiental que enfrentamos na atualidade, pois incentiva uma racionalidade alternativa que possibilita a superação do pensamento economicista e explorador.

De modo a promover a superação das práticas de violência normalizadas por esse pensamento economicista que fomenta o crescimento a qualquer custo, é necessário que essa nova racionalidade incentive também novas formas de relacionamento não só com a natureza, mas com os outros seres humanos, promovendo valores que levem à coexistência cultural e à equidade. Nesse processo, o empoderamento das comunidades é fundamental, pois a superação da sociedade fragmentada e exploratória pressupõe a adoção social de valores como a emancipação, o pensamento crítico e a comunhão (V. Fernandes & Sampaio, 2008).

Para pensar de que modo as exposições em parques ambientais podem contribuir para esse processo, os princípios defendidos pela Sociomuseologia e pela justiça ambiental fornecem contribuições importantíssimas. A primeira defende a adequação das estruturas museológicas, como a comunicação expositiva, às necessidades da sociedade contemporânea, enquanto a segunda permite reconhecer que tais necessidades englobam o direito das comunidades que habitam esse território a terem suas memórias reconhecidas, valorizadas e comunicadas pelas instituições de preservação ambiental.

Para concluir, foi possível observar que o discurso comunicado pela exposição Floresta Protetora é produto de interesses e poderes relacionados principalmente à sua função turística e econômica, mas desestabiliza um dos principais pilares da racionalidade economicista ao incentivar um relacionamento entre ser humano e natureza baseado no afeto e na admiração, e não no consumo dessa última. É com base em tais observações que podemos entender de que modo essa exposição influencia a produção das identidades culturais, sensibilizando os indivíduos quanto a uma primeira contestação da lógica consumista e exploratória por meio do incentivo a um relacionamento afetivo com a natureza.

Referências

- ACSELRAD, Henri. Ambientalização das lutas sociais – o caso do movimento por justiça ambiental. *Estudos Avançados*, v.68, n.24, 103–119, 2010.
- ALONSO, Angela; COSTA, Valeriano; MACIEL, Débora. Identidade e estratégia na formação do movimento ambientalista brasileiro. *Novos Estudos*, v.79, 151–167, 2007.
- ARAÚJO, Carlos A. A. Museologia: correntes teóricas e consolidação científica. *Revista Eletrônica Do Programa de Pós-Graduação Em Museologia e Patrimônio –Unirio* |

MAST, v.5, n.2, 31–54, 2012.

ARAUJO, Marcelo M.; BRUNO, Maria C. O. Um momento de reflexão sobre nosso passado museológico. In: BRUNO, Maria C. O. (Coord.). *O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro. Documentos selecionados*. Vol. 2. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museu, 2010. p. 17-21.

BELIANI, Elisama. *As contribuições da museologia para a preservação e musealização do Parque Nacional da Tijuca*. 2012. 179 f. Dissertação (mestrado em Museologia e Patrimônio). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BORGES, Rafael G. Identidade e meio ambiente: possíveis aproximações entre indigenismo e ambientalismo. Encontro Internacional Da ANPHLAC, 9., 2010, Goiânia. Anais de Congresso. 2010. Disponível em: <http://antigo.anphlac.org/ix-encontro>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BRUNO, Maria C. O. *Museu e museologia: ideias e conceitos: abordagens para um balanço necessário*. Workshop ICOFOM-LAM. Rio de Janeiro, 2008.

BUENO, Bruno T. *A influência do movimento ambientalista nas políticas públicas: um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos*. 2016. 314 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CARVALHO, Aline V. de. Museus, multiculturalismo e a harmonia social. *Revista Museu*, maio de 2010. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2010/3861-museus-multiculturalismo-e-a-harmonia-social.html>. Acesso em: 24 nov. 2020.

CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). *Cadernos Do CEOM*, v. 27, n.41, p.9–22. 2015.

CRESPO, Samyra. *Os gloriosos anos 90: A década da sociedade civil e do primeiro boom ambientalista*. Agência Envolverde, 2019. Disponível em: <https://envolverde.com.br/os-gloriosos-anos-90-a-decada-da-sociedade-civil-e-do-primeiro-boom-ambientalista/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

DAVALLON, Jean. *Claquemurer pour ainsi dire tout l'univers: La mise en exposition*. Paris: Éditions du Centre Georges-Pompidou, 1986.

FERNANDES, Valdir; SAMPAIO, Carlos A. C. Problemática ambiental ou problemática socioambiental? A natureza da relação sociedade/meio ambiente. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n.18, p. 87–94, jul/dez. 2008.

FERNANDEZ, Annelise C. F. Um Rio de florestas: uma reflexão sobre o sentido da criação dos parques na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Estudos Históricos*, v.24, n.47, p.141–161, 2011.

HORTA, Maria de L. P. Vinte anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas (1992). In: BRUNO, Maria C.O. (Coord.), *O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro. Documentos selecionados*. vol. 2. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 61–66.

ICOM. Declaração de Caracas (1992). *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 15, 1999. p. 243-265..

JUDT, Tony. *Pós-guerra: História da Europa desde 1945*. Lisboa: Edições 70, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 134–146, 1992.

_____. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MOUTINHO, Mario C. Sobre o conceito de museologia social. *Cadernos de Sociomuseologia*, v.1, n.1, p.7–9, 1993.

_____. Definição evolutiva de Sociomuseologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, v.28, n.28, p.38–44, 2007.

PÁDUA, José A. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n.68, p.81–101, 2010.

VIEIRA, Ana C. M. *Memória e Paisagem: olhar(es) sobre o patrimônio cultural turístico - Parque Nacional da Tijuca (RJ)*. 2013. 242 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

VIOLA, Eduardo J. O movimento ambientalista no Brasil 1971-1991: da denúncia à conscientização pública para a institucionalização e o desenvolvimento sustentável. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Ecologia, Ciência e Política*. Rio de Janeiro: Revan, 1992. p.49-75.

WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart; SILVA, Tomaz T. da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Data de recebimento: 24.11.2020

Data de aceite: 08.02.2021